

No meio do estágio tinha uma pandemia: experiência como aprendizes da clínica

In the middle of the internship was a pandemic: experience as clinic apprentices

En medio de la pasantía hubo una pandemia: experiencia como aprendices de clínica

Recebido: 13 de abril de 2021 | Revisado: 10 de junho de 2021 | Aceito: 30 de julho de 2021 | Publicado: 15 de agosto de 2021.

Mirela Guimarães Cavalcanti

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1336-3770>. Psicóloga Clínica
Brasil E-mail: mirelaguimaraesc@gmail.com

Amanda Fernandes Rocha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9675-8689> Psicóloga Clínica
Brasil. E-mail: amanda.fernandes.rocha@hotmail.com

Sílvia Raquel Santos de Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8077-5281>
Universidade Federal do Vale do
São Francisco, Brasil. Email: silviamorays@yahoo.com.br

Resumo

Esta pesquisa origina-se da experiência de estágio profissionalizante em Psicologia em um serviço-escola de Pernambuco, durante a pandemia do COVID-19. Objetivou-se tematizar essa experiência antes e durante a pandemia; elencando os principais desafios enfrentados durante a transição dos atendimentos clínicos presenciais para a modalidade remota. A aprendizagem da clínica psicológica foi discutida em uma perspectiva Fenomenológica Existencial, ao modo de Heidegger. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva em formato de relato de experiência. Para tanto, utilizou-se de diários de campo contendo anotações do contexto vivido e das supervisões de atendimentos remotos, os quais foram interpretados pela analítica do sentido. Como resultado, destaca-se a experiência de estágio perpassada por angústia, cansaço, compromisso ético e desconfiança encoberta. A recomposição do processo formativo apresentou-se como principal desafio. Conclui-se que a supervisão, a abertura para mudança e a compreensão da ação clínica para além do instituído foram cruciais para o aprendizado em questão.

Palavras-chave: Supervisão Clínica; Psicologia Clínica; Fenomenologia Existencial.

Abstract

This research originates from the professional internship experience in Psychology at a school service in Pernambuco, during the COVID-19 pandemic. The objective was to discuss this experience before and during the pandemic, listing the main challenges faced during the transition from face-to-face clinical care to remote mode. The learning of the psychological clinic was discussed in an Existential Phenomenological perspective, in the manner of Heidegger. This is a descriptive qualitative research in the form of an experience report. For that, we used field diaries containing notes of the context lived and the supervision of remote care, which were interpreted by the analytic of sense. As a result, the internship experience pervaded by anguish, tiredness, ethical commitment and hidden mistrust stands out. The recomposition of the training process presented itself as the main challenge. It is concluded that supervision, openness to change and understanding of clinical action beyond what was instituted were crucial for the learning in question.

Keywords: Clinical Supervision; Clinical Psychology; Existential Phenomenology.

Resumen

Esta investigación tiene su origen en la experiencia de pasantía profesional en Psicología en una escuela de servicio en Pernambuco, durante la pandemia de COVID-19. El objetivo fue discutir esta experiencia antes y durante la pandemia, enumerando los principales desafíos enfrentados durante la transición de la atención clínica presencial a la modalidad remota. El aprendizaje de la clínica psicológica se discutió en una perspectiva fenomenológica existencial, a la manera de Heidegger. Se trata de una investigación cualitativa descriptiva en forma de informe de experiencia. Para eso, utilizamos diarios de campo que contienen notas del contexto vivido y la supervisión de llamadas remotas, las cuales fueron interpretadas por la analítica del sentido. Como resultado, se destaca la experiencia de la pasantía impregnada de angustia, cansancio, compromiso ético y desconfianza encubierta. La recomposición del proceso de formación se presentó como el principal desafío. Se concluye que la supervisión, la apertura al cambio y la comprensión de la acción clínica más allá de lo instituido fueron cruciales para el aprendizaje en cuestión.

Palabras clave: Supervisión Clínica; Psicología Clínica; Fenomenología Existencial.

1. Introdução

O presente artigo surge da experiência de estágio profissionalizante em Psicologia Clínica no Centro de Práticas e Estudos em Psicologia (CEPPSI) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), durante a pandemia do Corona Virus Disease 2019 (COVID-19). Parte-se da reflexão acerca dos desafios encontrados nas práticas psicológicas remotas e de seus desdobramentos. Trata-se de uma discussão necessária, visto que a modalidade de atendimento online, realizada por estagiários, foi inaugurada no Brasil somente após a pandemia do COVID-19. Sendo assim, tem-se as primeiras turmas de estagiários de Psicologia exercendo prática remota apenas recentemente. Além disso, há nuances e impasses que convocam tal vivência à discussão, de modo a repensar a relação da Psicologia com os novos modos de se viver, os avanços tecnológicos, a presencialidade exigida no processo formativo, a crescente exigência por readaptações diante das demandas da população, além das comorbidades oriundas/agravadas com a pandemia em curso. Desse modo, é imprescindível tematizar esse momento histórico para a Psicologia por meio das lentes de agentes envolvidas nesse processo, a exemplo das estagiárias como aprendizes da clínica.

Pimentel, Maués, Lima e Junior (2020) afirmam que os meios virtuais, antes visualizados como ferramentas para conexões humanas breves, têm sido utilizados como estratégia de manutenção da comunicação a fim de amenizar o sofrimento decorrente do isolamento. A humanidade enfrentou inúmeras epidemias e pandemias. Tais eventos podem ser vistos como possibilidade de revisão das práticas culturais e científicas, repercutindo em mudanças sociais (Enumero & Linhares, 2020). Em consonância, pesquisas atuais (Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 2020; Goularte et al., 2021) apontam para os impactos negativos da COVID-19 na saúde mental. Dessa forma, os elevados índices de interferência da pandemia na qualidade de vida, acentuam a necessidade da população ter acesso a serviços de saúde mental, os quais ainda se encontram em momento de readequação. Atualmente, a expressiva procura por profissionais dessa área demonstra a relevância da atuação do psicólogo neste período, conforme Pimentel et al. (2020). Diante do exposto, a Psicologia Clínica se constitui como um dispositivo de cuidado, alternativa de enfrentamento e de resposta às mudanças vigentes; sendo de suma importância a manutenção da oferta de estágios durante esse período atípico e de intenso sofrimento psíquico.

Novas possibilidades de aprender Psicologia: apontamentos a partir do estágio profissionalizante na modalidade remota

A resolução do Conselho Federal de Psicologia (2018) nº 11/2018, dispõe sobre atendimento psicológico on-line, entre outros serviços, ampliando as possibilidades de trabalhos psicológicos mediados pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Vale ressaltar que a realização de atendimentos remotos, embora já fosse regulamentada antes da pandemia, possuía baixa adesão se comparada aos atendimentos presenciais. Antes da pandemia, a prática clínica por intermédio das TDICs não ocorria nos estágios profissionalizantes em Psicologia. Com as atuais restrições sanitárias, as Instituições de Ensino Superior (IES) e órgãos concedentes de estágios suspenderam suas atividades presenciais e aderiram ao ensino remoto emergencial. Isso interferiu na conclusão do curso de inúmeros estudantes e na oferta de atenção psicológica prestada à população. A realização do estágio na modalidade remota ainda é um desafio, pois envolve uma série de variáveis pouco conhecidas/estudadas, além de exigências complexas, como: seguro de estágio com cobertura para os riscos do COVID-19, fornecimento de equipamentos de proteção individual (EPI) por parte das IES, reabertura de serviços-escola com protocolos de segurança sanitária, além da discussão em torno do local mais apropriado para realização do estágio, ainda que remotamente.

A partir da Portaria 544/2020 do Ministério da Educação (Brasil, 2020), que autorizou a realização de práticas, estágios e laboratórios de forma remota, a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) e o CFP, considerando a necessidade de

coniliar a adaptação das estratégias de ensino com os princípios éticos que norteiam a formação superior, promoveram seminários regionais remotos para ampliar o diálogo sobre alternativas. A proposta baseava-se na construção de uma discussão horizontal, a partir da escuta de coordenadoras(es) de curso, orientadoras(es), supervisoras(es) e representantes estudantis de todo o Brasil, levando em conta a falta de consenso sobre a educação emergencial remota como alternativa viável para a realização de estágios e práticas em Psicologia. Após um extenso debate, foi construída a cartilha de orientações “Práticas e Estágios Remotos em Psicologia no Contexto da Pandemia da Covid-9 - Recomendações” (CFP, 2020). Esse documento de caráter orientador, recomenda que se resguarde as características fundamentais do ensino, sem comprometer a “qualidade científica, ética e técnica da formação” (CFP, 2020, p. 12). Considerando a urgência da atual conjuntura educacional e sanitária do Brasil, o Ensino Emergencial Remoto (EER) foi aceito pelo CFP desde meados de 2020, estendendo-se durante todo o período de restrições sanitárias e de isolamento social. Vale ressaltar, contudo, que essa situação não se configura como um projeto pedagógico de curso, pois as práticas intermediadas por tecnologias constituem apenas uma parte do universo mais amplo de atuações profissionais (CFP, 2020).

A cartilha supracitada enfatiza a importância de considerar o percurso formativo já realizado pelo estudante e no caso das pesquisadoras deste artigo, trata-se do momento de conclusão do curso, facilitando a complementaridade da formação com o desenvolvimento de atividades remotas. Desse modo, o CFP (2020) sugeriu as seguintes práticas clínicas para a formação em Psicologia através do ensino emergencial remoto: Plantão Psicológico (acolhimento e encaminhamentos); continuidade de atendimentos psicoterápicos iniciados na condição presencial, com exceção de crianças e vítimas de violência e/ou violação de direitos; reuniões com equipes de trabalho ou com outros profissionais para discussão de casos. Quanto às questões técnicas relevantes no contexto das práticas remotas, a cartilha destaca que, seguindo o sigilo, privacidade e confiabilidade dispostos no Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005), os processos remotos clínicos são orientados nos serviços-escola das IES - espaços controlados -, segundo os protocolos de segurança estabelecidos e vigentes. Soma-se a isso as recomendações referentes às condições necessárias ao funcionamento dos serviços-escola de Psicologia, a saber: capacitação em rotinas de biossegurança, controle de retorno de atividades, uso de equipamentos individuais de proteção (EPIs) e salas de atendimento adaptadas.

A psicologia clínica e a atuação remota em debate

Segundo Dutra (2004), as práticas clínicas emergentes superam a clínica psicológica tradicional na medida em que incorporam um olhar mais ampliado/contextualizado acerca dos modos de existir. Ou seja, considera a historicidade de mundo na qual as pessoas estão inseridas e convivem. Por outro lado, o modelo de clínica tradicional ainda permanece centrado na lógica de consultório, com ênfase na dimensão individual e intrapsíquica. Diante disso, as atribuições do psicólogo de acolher, escutar, cuidar das pessoas, de acordo as disposições do código de ética do CFP (2005), precisam vir acompanhadas da função clínica de promover novos modos de pensar, sentir e agir, uma vez que o psicólogo deve atuar enquanto um agente de transformação da realidade vivida.

Em se tratando do aprendizado clínico, é importante considerar a tríade básica que compõe a prática do psicólogo: “a sua própria psicoterapia, seu conhecimento teórico e sua prática clínica supervisionada”, conforme Aguirre et al. (2000, p.53). Além disso, o enquadramento do trabalho e a identidade profissional são fundamentais para o exercício da clínica. Segundo Aguirre et al. (2000), o enquadramento refere-se à configuração e ao estabelecimento de parâmetros básicos para atuação do profissional da Psicologia, através do qual se identifica as dificuldades do cliente para seguir o contrato de trabalho e suas pactuações. Com o advento da pandemia, os atendimentos presenciais se tornaram cada vez menos frequentes, dado o alto poder de contágio da COVID-19 (Thompson, 2020); sendo necessário traçar estratégias que contemplassem formas de “ir ao encontro”

dos que buscam suporte psicológico, sem perder de vista a qualidade do atendimento e o alcance terapêutico. Assim, o encontro continua sendo algo valorizado, mesmo quando realizado de forma remota, cujo foco reside no acolhimento e na elaboração das questões que mobilizam a busca por ajuda psicológica (Rocha, 2011). Desse modo, a prática do atual ou futuro psicólogo nessa crise pandêmica é um dever ético e civil; além de um compromisso com a promoção da saúde mental da população. Ou seja, manter-se na prática do estágio remoto em psicologia clínica constitui-se como uma vivência fundamental não somente para a formação, mas também, para a reflexão/ação acerca do sofrimento humano, sobretudo em tempos de crise.

Desse modo, a experiência impulsionadora para essa pesquisa, em formato de relato de experiência, advém da permanência como estagiárias-aprendizes da clínica durante catorze meses em um serviço-escola público do nordeste brasileiro. Vale ressaltar que o estágio profissionalizante em questão aconteceu durante a transição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial (outubro 2019 a dezembro 2020). Inspiradas pela perspectiva Fenomenológica Existencial, ao modo de Martin Heidegger, esse relato objetiva tematizar a experiência em questão antes e durante a pandemia, elencando seus principais desafios. De modo mais específico, pretende-se tematizar essa experiência por meio de uma compreensão hermenêutica; ou seja, buscando indagar o sentido das coisas no seu horizonte de manifestação e desvelamento. Vale ressaltar que a compreensão da existência humana que fundamenta a prática clínica em questão é a de que estamos imersos no mundo com os outros, sendo profundamente afetados pelas possibilidades de vir a ser. Portanto, trata-se de uma existência sem determinações prévias, marcada pela abertura e finitude. Alguns pressupostos heideggerianos como angústia, cuidado, serenidade, tonalidades afetivas iluminaram a prática clínica em questão.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e em formato de relato de experiência. A compreensão do tema investigado se deu por meio da descrição e análise de experiências vividas e refletidas. Portanto, prima-se pela interpretação dos fenômenos estudados em seu significado (Silva & Menezes, 2005 citado por Bruchêz, d'Ávila, Fernandes, Castilhos & Olea, 2018). Os instrumentos utilizados para documentar/tematizar a experiência foram os diários de campo das estagiárias-pesquisadoras, que continham o registro de impressões, inquietações, afetações e supervisões dos atendimentos remotos realizados na modalidade de plantão psicológico.

Esse instrumento atua como uma ferramenta de pesquisa ao transmitir, em palavras, como se deu a vivência das pesquisadoras ao longo da investigação. Também foram considerados os registros dos encontros remotos extracurriculares de supervisões ocorridas após a suspensão do semestre letivo (Março a Julho de 2020) sob a anuência dos demais estagiários do grupo de supervisão. Durante as supervisões, foram escolhidos/debatidos temas do contexto clínico em uma perspectiva Fenomenológica Existencial. Além de artigos, foram utilizados como recursos de aprendizagem: *lives*, filmes e compartilhamento dos casos atendidos pela supervisora nesse período, como disparadores das discussões.

Os dados oriundos das anotações e reflexões supracitadas foram interpretados à luz da proposta da analítica do sentido (Critelli, 1996) a qual encontra-se fundamentada na Fenomenologia heideggeriana. Nessa proposta interpretativa, tem-se a participação ativa e implicada das pesquisadoras proponentes, as quais também se constituem como pesquisandas. Assim, prioriza-se o olhar do interrogante como parte do que é interrogado e o fenômeno manifestado se apresenta de vários modos; ou seja, tudo o que toca os pesquisadores é compreendido como uma possibilidade de revelação de sentido.

Há cinco momentos que perpassam a interrogação e a interpretação do fenômeno na analítica do sentido: Desvelamento, Revelação, Testemunho, Veracização e Autenticação. O desvelamento consiste na revelação do que antes estava oculto e agora se manifesta em uma de suas facetas, numa dada época (Critelli, 1996). Já a revelação abarca a linguagem, visto que a fala (verbal ou não verbal) rege o meio de comunicação entre os humanos, auxiliando no desvelamento do que está oculto. Esta fala, porém,

não apresenta concretude se não houver quem a recepcione/escute. Dessa forma, para que se realize o testemunho, é preciso que haja a presença de um interlocutor e de um receptor. Além disso, para que algo seja tomado como verdadeiro, há de ser feita a veracização do que foi exposto, que consiste na verificação de “uma referência, um critério, algo que venha de fora dela mesma e que a autorize a ser o que é e como é” (Critelli, 1996, p. 85). Quando o testemunho é publicizado, torna-se relevante e verdadeiro. Por fim, após a veracização, ocorre a autenticação, que consiste na validação das coisas pelo próprio indivíduo, por meio da sua experiência.

3. Resultados e Discussão

O material analisado consiste em 14 diários de campo, escritos no período de 13/10/2020 a 15/11/2020. A partir da leitura exaustiva dos diários e do diálogo entre as pesquisadoras envolvidas, identificou-se três temáticas orientadoras de sentido que elucidam os questionamentos dessa investigação: 1) *Experiência perpassada por angústia, cansaço, compromisso ético e desconfiança encoberta*; 2) *desafios do estágio em psicologia antes e depois da pandemia*; 3) *O saber-fazer clínico de onde as experiências acontecem: implicações para o aprendizado de Psicologia*.

Experiência perpassada por angústia, cansaço, compromisso ético e desconfiança encoberta.

Vivenciamos profundas alterações em nossos modos de existir, de trabalhar e de exercer a Psicologia durante a pandemia, sendo as mesmas marcadas por crises e rupturas. Toda essa historicidade do mundo realçou, ainda mais, a indeterminação existencial do humano, abrindo lugar para a vivência de tonalidades afetivas, a exemplo da angústia, do tédio e da culpa. Segundo Feijoo (2011) e de acordo com Heidegger, a angústia nos remete à condição ontológica, e ao mesmo tempo, aponta para a finitude humana e seus desdobramentos de possibilidades. Ou seja, o homem se angustia diante do aberto, sendo convocado a cuidar de ser a partir dessa experiência de profundo estranhamento diante de si, dos outros e do mundo. A angústia convida ao pensamento e à singularização, ao mesmo tempo em que desassossega, inquieta, desperta. Os primeiros atendimentos remotos nos lançaram nesta experimentação:

Mesmo nos encontros fisicamente presenciais e já com alguns meses de prática, nenhum atendimento aconteceu sem que eu ficasse minimamente nervosa; com o meu primeiro atendimento online, portanto, não foi diferente. Tentei me arrumar fisicamente (a luz favorecia o cliente me enxergar? Será que ele iria perceber minhas olheiras?) e busquei me acalmar. (Estagiária 1, 13/10/2020)

Enquanto profissionais em formação, na tentativa de acolher o fenômeno como se apresentava a cada encontro, pudemos revisitamos a angústia experienciada como algo que não só nos mobilizou, mas também, nos impulsionou a ir além do óbvio e do já conhecido. A angústia despertou novas possibilidades e direções, pois, segundo Heidegger (1927/2006), ela “revela ao ser, o poder-ser mais próprio. Ou seja, o *ser-livre* para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo” (p.252). Exemplo disso foi a realização dos atendimentos e das supervisões remotas. Um de nossos registros, em diário de campo, ilustra o quanto a angústia trouxe estranhamento e o quanto essa experiência de estrangeiridade nos impulsionou em direção a novos modos de atuação:

Nesse mesmo encontro, citando um autor, a professora trouxe que ‘o conhecimento nasce no escuro’ e não na claridade, no óbvio, e ousou dizer que também não nasce no familiar. Trazendo a etimologia da palavra ‘experiência’, ela apontou que poderia significar escolher aprender pelo risco/desafio, uma vez que estamos ‘lançados ao perigo’ quando vivendo uma experiência. Assim, penso o atual momento como uma fonte de mobilização para a criação de novos modos de atuação, arriscando-nos pelo desconhecido, que assusta, dá medo e que muitas vezes, tentamos repelir e retornar à familiaridade. São tempos de angústia e outras tonalidades afetivas, mas que a partir delas, há a abertura para caminhos reflexivos, novos sentidos e encaminhamentos necessários no movimento da vida e da profissão. (Estagiária 2, 22/10/2020)

Vendruscolo (2015) alerta para a necessidade de que o psicólogo perceba sua própria condição existencial na relação com seus clientes. Ao revisitar nossos modos de ser e de estar no mundo, a angústia pode emergir, inclusive, durante os atendimentos. Contudo, em uma leitura Fenomenológica Existencial, a angústia precisa ser acolhida e sustentada pelo psicólogo sem a interferência hegemônica da técnica. Não podemos ser simplesmente atraídos pela lógica do familiar/conhecido, pois isso certamente comprometeria a qualidade da escuta. Na clínica, o que está em jogo é uma tensão compreensiva entre o familiar e o estranho, o aparente e o encoberto, o distanciamento e a intimidade. Assim, inspirados pelo pensamento heideggeriano, percebe-se que o psicólogo é convocado a assumir uma postura de serenidade que aguarda a fala do outro, não abafa/censura o que o outro quer dizer. Com isso, estaríamos caminhando em prol do poder-ser, da co-construção de sentidos. Vale ressaltar que todas as palavras seccionadas com hífen são utilizadas aqui e durante todo o texto no intuito de realçar a relação de inseparabilidade e de co-pertencimento homem-mundo, que Heidegger tanto enfatizou em seus escritos. O hífen também ajuda a pensarmos na dimensão simultânea de aparecimento e de ocultamento dos fenômenos, a exemplo da palavra des-velamento.

Na contramão da compreensão supracitada, Heidegger (2007) alerta para os perigos de vivermos imersos no cotidiano impessoal, onde simplesmente fazemos as coisas sem pensar. Com isso, corremos o risco de permanecer no que já foi dado como “familiar”, de encobrir os sentidos de ser das coisas. Exemplo disso encontra-se no seguinte trecho de nossos diários: *“Há a desconsideração dos custos e das perdas ao mergulhar no restringimento e na burocracia, que não abre espaço às exceções”* (Estagiária 2, 13/11/2020). Na clínica psicológica podemos ser tragados, sem perceber, pelo domínio do que Heidegger denominou de era da técnica. A técnica moderna funciona como uma espécie de padronização, que restringe possibilidades de ser. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando deixamos de interrogar os sentidos de nossa ação na clínica, correspondendo simplesmente ao que nos vem ao encontro, sem um pensar mais demorado e meditante sobre as coisas que se passam ao longo do encontro. Ainda nessa direção, Silva e Freitas (2019) alertam para os perigos de uma relação terapêutica mais permeada pelo enquadramento (organização da ação) do que pelo comprometimento implicado com o outro.

Jardim (2015) explicita que a atitude repetitiva é uma tentativa de manter-se no que já é conhecido (atendimentos presenciais) e de afastar-se do diferente/estranho (atendimentos remotos). Essa situação pode dificultar uma ação clínica mais livre em relação às convocações do cotidiano impessoal. Na repetição/automatismo, dificilmente se permite experimentar o novo, o negativo, o inóspito da condição humana. A insistência por manter-se no que já se conhece ou se teorizou a respeito do humano, aponta para uma clínica centrada no cuidado tutelar. Um cuidado marcado pela substituição do outro, sem que esse outro (cliente) possa exercer, por si mesmo, o cuidar de ser.

A desconfiança e o desconforto, diante desses novos modos de atuação no estágio, também se apresentou como fenômeno. Na tentativa de manutenção do conhecido, destacamos algumas reflexões: *“para manter-se no familiar, imposições, regulamentações e a ótica do amedrontamento são utilizadas para afastar-se do desconhecido, que é tão angustiante e parece inadmissível.”* (Estagiária 2, 13/11/2020), bem como: *“A insegurança propiciada pelo novo e pela falta de controle do desconhecido, estaria encoberta pela preocupação atribuída à capacidade e condições dos estudantes.”* (Estagiária 2, 22/10/2020).

Seguindo esse pensamento, recorda-se o filósofo Byung Chul Han (2017), ao afirmar que a sociedade atual é guiada pelo desempenho e não mais pela disciplinaridade; isto é, os indivíduos que agiam pela obediência e controle de outrora, hoje são sujeitos da produção, da busca pela alta performance. O paradigma do desempenho aponta para uma época pobre de negatividades e baseada no excesso de positivities. Ou seja, é alardeado que “supostamente” podemos tudo, e isso acaba encobrindo fenômenos mais complexos. Essa violência da positividade é exaustiva por provocar cansaço e esgotamento excessivos, contribuindo para o aniquilamento da alteridade. Por fim, Han (2017) salienta que “o sujeito do desempenho explora a

si mesmo, até consumir-se completamente (Han, 2017, p. 101). Desse modo, experimentou-se o cansaço ao longo do estágio, sobretudo diante das incertezas atualizadas pela pandemia. Foi possível perceber os aspectos da sociedade do desempenho em um dos nossos relatos:

Os prazos são apertados, o ôntico do processo de formação é latente (cumprimento da carga horária, produção de documentos, TCC, etc.) [...] São horas e horas diárias em frente ao notebook e/ou celular para a leitura de textos, reuniões, aulas, supervisões e atendimentos onlines, lives/palestras e produção de conteúdo acadêmico. (Estagiária 1, 20/10/2020)

A execução do estágio remoto tornou o processo formativo mais solitário, realçando a responsabilidade individual e a preocupação pelo desempenho. Isso pode aproximar-se do cansaço enquanto imperativo social que fragmenta, individualiza, isola e fragiliza os laços sociais (Han, 2017). Além disso, a positividade atrelada a esse meio fez com que, em alguma medida, fôssemos levados a buscar uma transposição da *expertise* presencial para a atuação mediada pelos meios digitais. Depositou-se muito mais autonomia nas mãos dos estudantes, requerendo deles, o dever de abrir salas, criar e enviar links, gerir seu próprio espaço de atendimento e de aprendizado, agora com menor interferência de professores e de funcionários. Antes, a vivência do estágio era mais próxima, espacialmente e fisicamente, de todos os atores envolvidos e das instituições. Agora, a vivência encontra-se hiperconcentrada nas telas, com horários mais rígidos, sem travessia pelo espaço físico do serviço-escola. Muitos dos estudantes voltaram a residir em suas cidades de origem e a fruição do tempo livre de outrora com os colegas, não se apresenta mais nas telas. Com isso, pergunta-se: Até que ponto essas questões encobrem a negatividade como uma forma de poder ser?

Sinto que há mais responsabilidade, uma vez que grande parte do que é necessário para o atendimento acontecer, eu organizo sozinha e com bastante antecedência - como o ambiente -, sem os moldes “prontos” que uma instituição tem a oferecer. Sinto que é um caminho mais solitário e que exige maior comprometimento com o paciente, os processos clínicos e o enquadre dos atendimentos; portanto, a realização do plantão por mim, enquanto estagiária, sendo feito da minha casa, não é significado de descompromisso e falta de ética, uma vez que exige muito mais no meu processo formativo. (Estagiária 2, 15/10/2020)

Os estímulos, informações e impulsos em demasia, bem como, a sobrecarga de trabalho, são características da sociedade do desempenho (Han, 2017). Isso parece se aproximar do que Heidegger chamou de pensamento calculante (Heidegger, 2001). Na sociedade que exalta o desempenho e a potência da ação a todo custo, o cansaço e a depressão se tornam constantes. Ao nos ocuparmos de um pensar calculante, ficamos centrados na lógica da realização instantânea, repetitiva e controladora, e isso nos afasta da reflexão e nos deixa mais ansiosos, nos empurrando para o momento seguinte. Cabe destacar que isso também pode ocorrer na clínica, muito embora se preconize o desenvolvimento de um espaço para o pensamento meditante. Tal pensar é compreendido por Heidegger como aquele que se demora no vivido, se engaja e frui do momento presente; ou seja, como o pensamento que reflete sobre o próprio pensar e se debruça sobre as possibilidades que se apresentam no horizonte compreensivo; indo além de um único ponto de vista (Feijoo, 2004).

Vale mencionar que, em alguns momentos, nos percebemos no modo de pensar diferente do exposto anteriormente. Parecia que o pensar calculante se sobrepunha, principalmente quando tentávamos dar um contorno para a crise advinda da ruptura do mundo de outrora, inclusive da Universidade. Mas a experiência desalojadora do COVID-19, juntamente com seus desafios, nos convocou a “suspender” o que já pensávamos saber, inclusive sobre o estágio e a clínica. Agora, com a crise sanitária, paramos literalmente para pensar. Isso mudou a velocidade e o trajeto de nosso percurso, uma vez que, ao longo de seis meses, ficamos sem atendimentos e sem frequentar os campos de estágios, tendo supervisões voluntárias que seguiam um novo formato: a supervisora é quem relatava os casos atendidos por ela; e nós atuamos como uma espécie de aprendizes de supervisores.

Chamamos essa experiência de supervisão invertida e isso reflete a inventividade do grupo de estágio que se manteve aberto à co-construção de novos pontos de vista. Além disso, os temas da supervisão ultrapassaram o programa da disciplina de estágio, sendo escolhidos, agora, de acordo com demandas emergentes em consonância à historicidade da época. Ou seja, a escolha refletia o modo como éramos afetados pela crise mundial. Exercemos maior liberdade na decisão pelo tempo de reflexão, uma vez que estávamos oficialmente com o calendário acadêmico suspenso, muito embora tenhamos dado prosseguimento com esse modo de funcionamento inventivo e mais livre. A carga horária destinada às discussões também foi flexível, respeitando a disponibilidade e a participação voluntária de todos do grupo.

O Estágio em Psicologia: desafios antes e depois da pandemia

Em 2019, o estágio presencial aconteceu sem maiores intercorrências, havendo familiaridade com rotina, locais de estágio, profissionais e documentos. Com a pandemia, a rota foi alterada. Houve um rompimento inesperado com a certeza outrora programada do encerramento do semestre e a data de formatura. A quebra da impessoalidade cotidiana abriu lugar para aquela sensação de estranheza, de não se sentir em casa (Heidegger, 1927; 2006), sobretudo diante da ausência de respostas dentro e fora do estágio. As expectativas sobre o andamento da formação foram estilhaçadas, fazendo com que enxergássemos a vida como ela é: imprevisível, com suas múltiplas possibilidades e convocações.

As mudanças constantes no cenário sanitário alavancaram o surgimento de eventos inesperados, exigindo re-visão e a reinvenção de uma prática clínica mais próxima das demandas da população. A ausência das condições exigidas pela cartilha do CFP (2020) em nossa IES foi algo desafiador. Tais condições pouco foram alteradas, dificultando a realização do estágio tal como fora apregoado pelo CFP. Contudo, houve mudanças como: a troca de computadores do serviço-escola, a possibilidade de realização de plantão psicológico remoto por meio de projeto de extensão, a atualização do termo de compromisso de atendimento remoto e a disponibilização de uma dada carga horária semanal de um psicólogo supervisor para acompanhamento remoto (síncrono e assíncrono) dos estagiários.

Trata-se de uma tentativa de regulamentar uma ótica universalizante, mesmo que provisória, sem considerar as variações que extrapolam a cartilha, como a falta de verba para o serviço-escola da qual faço parte. Sinto que é necessário que joguemos luz nas contradições do processo formativo e da profissão, em que alguns dos olhares têm sido limitantes e criadores de barreiras, mesmo diante das premissas que marcam o fazer/aprender Psicologia. (Estagiária 2, 27/10/202)

Como Bock (1997, p. 42) sugere: “é preciso uma formação que ensine a construir projetos a partir de situações desafiadoras e novas. É preciso formar psicólogos criativos no sentido de profissionais que sabem, frente a uma nova realidade, recorrer criativamente ao seu saber”. Enquanto estudantes em formação, é possível perceber que, por vezes, o intenso ensino técnico - que diz como e quando atuar - pouco auxilia na possibilidade de lidar com o novo, com o desconhecido (Bock, 1997). Tais inquietações também estiveram presentes em nossos diários de campo:

A luta pela formação, ao contrário do que alguns pensam, não diz respeito apenas aos aspectos ônticos e de cumprimento obrigatório de horário: fala de uma necessidade de revisitação da luta por uma Psicologia mais igualitária e equitativa, pois propõe que a práxis não deva ser concebida enquanto algo a ser exercido somente no setting clássico da clínica (consultório), mas sim em outros ambientes em que seja possível realizar o encontro, o desvelamento e o acolher da dor do outro. (Estagiária 1, 09/11/2020)

Posto isso, Magliano e Sá (2015) ressaltam que é fundamental examinar a essência do mundo técnico, marcado por convenções e excesso de planejamentos, sobretudo em tempos de profunda instabilidade como a que vivemos agora. Para tanto, é importante pensar em tudo que nos cerca no contexto de sua historicidade, de modo a alcançarmos uma compreensão mais

ampliada e uma relação mais livre diante das determinações prévias de mundo. Assim, o pensamento meditativo, inaugura possibilidades de compreender e de corresponder, ou não, ao que é desvelado no interior desse horizonte de mundo; oferecendo uma expansão de perspectivas quanto às determinações da técnica e do cálculo (pode-se pensar aqui no contexto das práticas psicológicas). Tal disposição à experiência é marcada pela postura de estar à espera de; por uma atitude equânime de relacionar-se com tudo aquilo que vem ao nosso encontro (Heidegger, 2001). Uma relação de maior liberdade para com a técnica aponta para o que Heidegger chamou de serenidade, a partir da qual, se mantém acesa, a reflexão sobre os sentidos.

Magliano e Sá (2015) ressaltam que seguir uma postura de serenidade não equivale a recusar a ciência, pois essa não nega ou afirma a técnica, mas, aponta para um relacionamento com tais saberes que não impõem um mero lugar de subjugação. E isso tem uma implicação para a prática clínica psicológica, uma vez que esse pressuposto lança luz sobre os modos de estar e de acompanhar as pessoas em situação de sofrimento. É relevante que haja liberdade diante dos saberes psicológicos instituídos e hegemônicos. Além disso, faz-se necessário que os psicólogos desenvolvam a habilidade de estranhar o que está naturalizado, normatizado ou encoberto. Segundo Bock (1997), isso equivale à importância de se assumir o desafio coletivo de produção de alternativas à Psicologia tradicional. Não se deve, portanto, limitar ou impedir a oferta de cuidado aos que demandam atenção psicológica, pois o adoecimento psíquico é algo constante e, em meio à pandemia, tem aumentado significativamente (Fiocruz, 2020). Para nós: *“trata-se de um fazer Psicologia que seja flexível e adaptável às condições de vida dos sujeitos e não o inverso”* (Estagiária 2, 19/10/2020).

O saber-fazer clínico de onde as experiências acontecem: desvelando implicações no aprendizado da Psicologia

O plantão psicológico não consiste em uma técnica psicológica, mas mostra-se como uma forma de estar-com-o-outro atravessada pelo aguardar do desvelamento dos fenômenos. Busca-se, pôr questões em andamento, por meio da escuta e da fala compreensiva, tematizando o sofrimento e seus possíveis desdobramentos (Silva, Leite, & Barreto, 2015). Em nossos plantões, o estranhamento se fez presente, sobretudo nos primeiros encontros remotos. Experimentamos *“a mudança do setting – passando de controlado, ‘selado’ e presencial para im(pré)visível e impalpável – provocou impactos”* (Estagiária 1, 03/11/2020). Ainda registramos outros impasses: *“Inicialmente tivemos uma pequena dificuldade quanto à conexão e a fala dela (cliente) foi cortada por duas vezes, troquei minha rede wi-fi para poder prosseguir”* (Estagiária II, 15/10/2020). Como aponta Braga e Farinha (2017), a clínica na perspectiva Fenomenológica não se baseia em modelos teóricos prévios, mas na possibilidade e liberdade de questionar, explicitar e *“reinventar a trama de sentido; a qual se apresenta na concreção fática da vida”* (p. 73). No encontro compartilhado entre cliente e terapeuta, ilumina-se as relações de sentido e a reflexão sobre o vivido, de modo que o outro se aproprie de suas possibilidades.

Na trajetória do fazer Psicologia em modalidade remota, alguns encontros foram trans-forma-dores; envolvendo uma prática que, literalmente, toca na dor e muda a nossa forma de se relacionar com ela; seja para nós, seja para os clientes. Vejamos: *“a paciente apontou a estranheza sentida na modalidade online, mas ressaltou que tem notado efeitos parecidos com os do modo presencial.”* (Estagiária 2, 21/11/2020). Isso também se apresentou no seguinte trecho sobre um atendimento:

Revisitei questões pessoais e escutei/falei de um lugar de experiência vivencial dos sintomas trazidos por ele. Naquele momento, pude dar novos sentidos ao meu modo de ser no mundo a partir da expansão da minha visão sobre a minha própria condição humana e como posso utilizá-la ao meu favor e em favor dos meus pacientes. A construção desse novo olhar sobre o adoecimento, não como restrição, mas também como possibilidade de expansão profissional, foi intermediada pela minha terapia, que também tem acontecido online. (Estagiária 2, 27/10/2020)

Como desafios do estágio remoto, destacam-se os impasses vividos diante da impossibilidade de cumprimento integral das

recomendações do CFP para estágio na pandemia, as quais sugerem que as atividades clínicas sejam realizadas unicamente e diretamente do serviço-escola, exigindo deslocamento dos estagiários e funcionamento presencial dos serviços em plena pandemia. Contudo, é importante considerar a historicidade do tempo vivido, a realidade das IES e de todos os seus atores, sem desconsiderar o cuidado e o rigor ético. O cumprimento integral das orientações do CFP contrasta com a realidade vivida no cenário educacional de nossa Universidade. Ao nosso ver, tais recomendações se aproximam mais de condições idealizadas do que da realidade crítica vivida pela maioria das IES públicas brasileiras na atualidade. Em nossa experiência, apostamos no cuidado implicado em prol de uma clínica verdadeiramente ampliada, sobretudo nesse momento em que a saúde mental da população se encontra ameaçada. Apostamos na perspectiva de aprender juntos com a crise, afinal; não estamos fora dela. Buscamos oportunidades de transformações não apenas no processo formativo em si, mas também, no desenvolvimento de vínculos de confiança e de solidariedade entre nós, colegas e professora supervisora, mesmo que à distância.

A ausência de alguns clientes em atendimentos remotos também foi um desafio. Embora isso já ocorresse presencialmente antes da pandemia, agora o serviço-escola encontra-se com um menor quantitativo de clientes e um maior quantitativo de estagiários e, conseqüentemente, o número de atendimentos diminuiu se compararmos à quantidade de outrora: “*Já estava acostumada com as ausências nos plantões presenciais do CEPPSI, mas não com os do modo online.*”; “*o incômodo que sinto aqui não é necessariamente sobre o tempo dedicado aos atendimentos, mas, sim, o tempo dedicado aos não-atendimentos.*” (Estagiária 1, 13/10/2020; 20/10/2020). Também foram vivenciadas situações inusitadas referentes às condições do ambiente dos pacientes - como estarem na companhia de um terceiro, o que exigiu revisitação da contratualidade e criatividade na condução das experiências:

Foi desesperador e desafiador. Tentei manter a serenidade e dar prosseguimento ao processo, com a garantia de que, dessa vez, esse outro não estivesse mais lá. Reconheço que alguns pontos do enquadramento ficaram frouxos, o que pode ter auxiliado no descuido da cliente em participar de um atendimento na presença tão próxima de alguém. (Estagiária 1, 3/11/2020)

Ademais, ressaltamos que “*os meios digitais exigem uma maior perspicácia, inaugurando novos modos para se voltar o olhar, os ouvidos e todos os demais sentidos diante do ocultamento/aparecimento de tantos elementos íntimos da vida do paciente*” (Estagiária 2, 13/10/2020). Isto é, os atendimentos remotos, assim como os encontros presenciais - que são relevantes para a Fenomenologia Existencial - dependem da disposição e da abertura dos envolvidos; a fim de que se possa experimentar a confiabilidade e a presença implicada. Assim, a presença ou ausência de corpos em um mesmo espaço não fala somente de uma transformação do *setting*, mas também de uma pré-disposição a estar-com-o-outro. Em nossa experiência, isso fala da abertura para a oferta de cuidado e para o desenvolvimento da aprendizagem.

4. Considerações Finais

Por meio dessa experiência transitória no modo de experimentar o estágio em Psicologia clínica, fomos desafiadas pelos atendimentos mediados pela tecnologia e por suas especificidades, como a mudança de *setting*, a presencialidade para além do espaço físico, as dificuldades relativas à conexão com a internet, o espaço privativo dos clientes, o acesso limitado da população às TDICs e sua recente “*adaptação*” aos atendimentos remotos como possibilidade de cuidado. Também fomos tocadas pela solidão e sobrecarga de atividades diante de um tempo profundamente marcado pela imprevisibilidade. Antes da pandemia, o nosso aprendizado da clínica psicológica estava mais próximo do amparo familiar e seguro do espaço físico institucional. Agora, distantes da presencialidade de um dado ambiente e das mudanças do *setting*, fomos desafiadas a recompor o nosso processo formativo diante da angústia que emerge com a pandemia e a suspensão dos atendimentos presenciais. Destacamos também os

impasses relativos à discrepância entre as orientações dos órgãos de classe e as instituições formativas.

Ademais, a experiência de supervisão, antes presencial e depois remota, assumiu um lugar de relevância em nossa formação, constituindo-se como via de enfrentamento de situações mobilizadoras e inquietantes. Ademais, apresentou-se como oportunidade de reflexão mais densa acerca da experiência de sofrimento, nos ajudando a sustentar a condição de provisoriedade da vida. Acrescentamos que, para além de documentos e de recomendações, notamos a importância de se discutir noções de clínica ampliada e de compromisso social do psicólogo desde a sua graduação. Por fim, essa pesquisa pode contribuir com futuras experiências de estágio profissionalizante que se propuserem refletir acerca de uma clínica trans-formatadora, atenta e sensível ao contexto histórico do tempo vivido. Ademais, o testemunho narrado da experiência em questão, pode amparar a atuação dos órgãos regulamentadores, das IES e dos demais agentes envolvidos nessa discussão, a qual extrapola a dicotomia do ser favorável ou contrário ao estágio remoto em Psicologia. Para além disso, requer um pensamento meditante acerca do que se apresenta como horizonte possível e factível diante dessa situação atual/emergencial, onde a Psicologia é convocada a atuar.

Referências

- Aguirre, Ana Maria de Barros, Herzberg, Eliana, Pinto, Elizabeth Batista, Becker, Elisabeth, Carmo, Helena Moreira e Silva, & Santiago, Mary Dolores Ewerton. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. *Psicologia USP*, 11(1), 49-62. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-6564200000100004>
- Araújo, Ariana Maria Leite. (2010). O diagnóstico na abordagem fenomenológica-existencial. *Revista IGT na Rede*, V.7, Nº 13, 2010, Página 317 de 323. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526.
- Bock, Ana Mercês Bahia. (1997). Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(2), 37-42. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931997000200006>
- Braga, Tatiana Benevides Magalhães, & Farinha, Marciana Gonçalves. (2017). Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 65-73. Recuperado em 02 de dezembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Brasil. Ministério da Educação. (2020). Portaria Nº 544, de 16 de junho de 2020. Recuperado em <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=17/06/2020&jornal=515&pagina=62>
- Bruchêz, Adriane, d'Avila, Alfonso Augusto Frões, Fernandes, Alice Munz, Castilhos, Nádia Cristina, Olea, Pelayo Munhoz. (2018). Metodologia de Pesquisa de Dissertações sobre Inovação: Análise Bibliométrica. *XV Mostra de iniciação científica, pós-graduação, pesquisa e extensão*.
- Critelli, Dulce Mára (1996). *Análise do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. (1ª ed). São Paulo: EDUC/Brasiliense.
- Comitê internacional da Cruz Vermelha. (2020). Pesquisa da Cruz Vermelha revela que Covid-19 afeta saúde mental de metade das pessoas. Recuperado de: <https://www.icrc.org/pt/document/pesquisa-da-cruz-vermelha-revela-que-covid-19-afeta-saude-mental-de-metade-das-pessoas>
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2005). Resolução CFP nº 010/2005. *Código de Ética Profissional do Psicólogo*, XIII Plenário. Brasília, DF: CFP.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2018). *Resolução nº 11, de 11 de maio de 2018. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012*. Brasília: Autor. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2020). *Práticas e estágios remotos em psicologia no contexto da pandemia da covid-19*. Brasília. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/cfp-e-abep-lancam-recomendacoes-sobre-praticas-e-estagios-remotos-em-tempos-de-pandemia/>
- Dutra, Elza. (2004). Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(2), 381-387. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200021>
- Enumo, Sônia Regina Fiorim, & Linhares, Maria Beatriz Martins. (2020). Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID-19: seção temática. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200110. Epub June 12, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037200110eFeijoo>, Ana Maria Lopez Calvo de. (2011). A existência para além do sujeito. - 1. Ed. - Rio de Janeiro: Edições IFEN : *Via Verita*.
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2004). A psicologia clínica: técnica e técnica. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 87-93. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722004000100011>
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2011). A existência para além do sujeito. - 1. Ed. - Rio de Janeiro: Edições IFEN : *Via Verita*.
- Goularte, Jeferson Ferraz, Serafim, Silvia Dubou, Colombo, Rafael, Hogg, Bridget, Caldieraro, Marco Antonio & Rosa, Adriane Ribeiro. (2021). COVID-19 and mental health in Brazil: Psychiatric symptoms in the general population. *Journal of Psychiatric Research*, 132, 32-37. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2020.09.021>
- Han, B.-C. (2017). *Sociedade do cansaço*. (E. P. Giachini, Trad.) Petrópolis: Vozes.

-
- Heidegger, M. (2001). *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Heidegger, M. (2006). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco. (Originalmente publicado em 1927).
- Heidegger, Martin. (2007). A questão da técnica. *Scientiae Studia*, 5(3), 375-398. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>
- Heidegger, Martin. (2011). O caminho da linguagem. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: SP: Editora Universitária São Francisco.
- Jardim, L. E. F. (2015). Ação e Compreensão na Clínica Fenomenológica Existencial. In Evangelista, P. E. R. A. (Org.). *Psicologia fenomenológico-existencial - possibilidades da atitude clínica fenomenológica*. (2a. ed., pp. 47-77). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Magliano, Fernando da Rocha, & Sá, Roberto Novaes de. (2015). Reflexões heideggerianas sobre técnica, liberdade e práticas psicológicas clínicas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 19-32. Recuperado em 02 de dezembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200003&lng=pt&tlng=pt.
- Pimentel, Adelma do Socorro Gonçalves, Maués, Heloá Pontes, Lima, Natasha Cabral Ferraz de, & Junior, Germino Ferraz de Andrade. (2020). Orientações da Psicologia brasileira em relação a prevenção da Covid19. *Revista do NUFEN*, 12(2), 102-117. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02artigo68>.
- Rocha, Maria Cristina. (2011). Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. *Revista do NUFEN*, 3(1), 119-134.
- Silva, Ellen Fernanda Gomes da, Leite, Danielle de Fátima da Cunha Cavalcante de Siqueira, & Barreto, Carmen Lúcia Brito Tavares. (2015). A ação clínica e a era da técnica moderna: uma compreensão fenomenológica existencial da prática psicológica. *Perspectivas Em Psicologia*, 19 (1). Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/30361>
- Silva, Ellen Fernanda Gomes Da, & Santos, Suely Emilia De Barros. (2017). Fenomenologia existencial como caminho para pesquisa qualitativa em psicologia. *Revista do NUFEN*, 9(3), 110-126. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol09.n03artigo17>
- Silva, Ellen Fernanda Gomes da. (2018). Pesquisa qualitativa em psicologia clínica: uma possibilidade metodológica em diálogo com a fenomenologia hermenêutica. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo (SP), v.6, n.11, p. 145-159.
- Silva, Nayane Aparecida da Costa, & Freitas, Joanneliese de Lucas. (2019). "A questão da técnica" em Heidegger: considerações sobre a clínica psicológica. *Revista do NUFEN*, 11(1), 137-156. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01ensaio46>
- Thompson, Robin. (2020). Pandemic potential of 2019- nCoV. *Lancet Infect Dis*. 2020;20(3):280.
- Vendruscolo, J. (2015). Atendimentos Psicológicos em Instituições: da tradição à Fenomenologia Existencial. In Evangelista, P. E. R. A. (Org.). *Psicologia fenomenológico-existencial - possibilidades da atitude clínica fenomenológica*. (2a. ed., pp. 119-135). Rio de Janeiro: Via Verita.